



O SER DRAG E O VIVER QUEEN: ESTERÉOTIPOS E CONFIGURAÇÃO DO ARTISTA PERFORMÁTICO EM MACEIÓ

Cristiane Caetano dos Santos*

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito conhecer se há um processo de formação da *identidade queer* e as performances de algumas *drag queens* em Maceió. Investigar como se processa a relação dessas drag queens em sua identificação com os gêneros feminino e masculino, abordar os estereótipos e configuração do sujeito em relação ao personagem *drag*, descrevendo desse modo a sua posição sobre a própria sexualidade. Busca-se também entender o ato de transformação das drags do corpo masculino em feminino, os sentimentos de masculinidade e feminilidade que acompanham aos procedimentos na produção estética de visuais femininos e os seus significados estabelecidos com a aparência por meio da indumentária, ou seja, na montaria. Na análise etnográfica se utiliza de um processo de como é construído a relação social das drag queens na capital e a arte de se montar e de transformar um gênero em outro, as performances das drag queens e a sua posição sobre a própria sexualidade e o que é ser drag. Compreende a função da transformação do sujeito para a montagem e a via dupla que ocorre no ser masculino e estar feminino. Metodologicamente, esse trabalho é baseado numa observação participante, procurando entender os fenômenos a partir das perspectivas dos interlocutores entrevistados para então colocar a interpretação dos fenômenos estudados.

Palavras-chave: *Drag Queen*. Performance. Identidade. Sexualidade. Montaria.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de conclusão de curso tem por objetivo geral compreender se há uma *identidade queer* nas *drag queens* e como a mesma se configura, por ter corpo de homem e vestir-se de forma caricata como mulher e por vez a transformação do corpo que ocorre através da vestimenta em espetáculos

* Graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas.
chriska_cae@hotmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



performáticos. Investigar como se processa a relação dessas drag queens em sua identificação com o gênero feminino e masculino, e abordar os estereótipos e configuração do sujeito em relação ao personagem *drag*¹, descrevendo desse modo a sua posição sobre a própria sexualidade, onde também me utilizei de entrevistas com esses interlocutores residentes em Maceió, que forneceu dados que compõe esse projeto inicial.

O objetivo deste estudo é averiguar se há um processo de formação da *identidade queer*, o processo de transformação – montaria e as performances das drag queens em Maceió. A partir da leitura de Ana Paula Vencato (2003) sobre as drag queens que me levou a entrar no que venha ser a teoria *queer* com Maria Teresa Vargas Chidiac e Leandro Castro Oltramari (2004). Os estereótipos que o circunda e os problemas encontrados por essas drag queens em Maceió quanto sua afirmação perante a sociedade alagoana e os fatores que dificultam a configuração da *identidade queer* para os não “entendidos²”.

Busca-se também entender o ato de transformação das drags do corpo masculino em feminino, os sentimentos de masculinidade e feminilidade que acompanham aos procedimentos na produção estética de visuais femininos e os seus significados estabelecidos com a aparência por meio da indumentária, ou seja, na montaria.

A montagem aqui exerce um papel fundamental na transformação e caracterização do corpo masculino em feminino, e consegui nessa “metamorfose” ocultar descrições e resquícios do corpo masculino e produzir desse modo, novos sentidos para a aparência que permitem entender as articulações entre corpo e gênero. No entanto, no ato de “vestir-se como mulher” a drag queen usa-se de artifícios nas roupas e nos seus acessórios, na maquiagem, baseado em certos padrões hegemônicos, exageram na estética se diferenciando por total dos estereótipos de homem/ mulher.

¹ O termo *Drag* no lugar de *Drag Queen* é bastante utilizado entre as próprias *Drags* em suas falas e nos meios da mídia;

² Gíria utilizada entre os grupos homossexuais quando se referem a sua afirmação sexual.



Diante dos dados obtidos inicialmente por meio da observação participante e da descrição desse contato inicial com os interlocutores, pude perceber que a relação da drag queen com o sujeito que a interpreta se dá com uma certa independência, e que ambos podem vir até características opostas nos aspectos físicos e também no modo de se comportar.

1. EMBASAMENTO TEÓRICO

As drags apesar de geralmente serem confundidas com os travestis e transexuais, estas se apresentam como uma manifestação singular.

Segundo Vencato (2003) de modo geral as drags são homens que se transvestem, mas sem o intuito de se vestir de mulher, mesmo que de forma caricata, se diferenciando, por exemplo, de blocos de ruas de carnaval que os homens se vestem com roupas femininas que destoam de seus corpos e atitudes, já as drags preservam um feminino exagerado mais sem distorção do “*ser mulher*”.

O ser drag está associado ao trabalho artístico, onde se tem uma elaboração de uma personagem performática de uma elaboração extravagante, caricata e luxuosa também. Através da montagem, os intérpretes/performistas transformam seus corpos rotulados de masculinos em outros corpos não segmentarizados pelo gênero ou sexo diferenciando assim dos demais, por tanto cada montagem é ritualizada de forma diversa, podendo assim dizer, se tornando uma tarefa um tanto quanto impossível de enquadrá-las em uma definição fechada.

As drag queens, assim como as transformistas, “montam-se” e “desmontam-se”, no entanto, sua montagem difere das outras, Vencato (2003), a partir da forma como os signos masculinos e femininos são performatizados, exibindo um corpo ornamentado por um feminino tido como exagerado para a matriz heterossexual, porém é possível perceber que nem sempre fazem questão de ocultar traços fenotípicos atribuídos que caracteriza ao homem, como por exemplo, os pelos dos braços ou até mesmo das pernas que alguns mentem no seu corpo. Ficando assim

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



nítido que as drags quando referentes à sua versão de “feminino” não optam necessariamente a esconder tudo o que diz respeito ao “masculino”.

Mesmo que as drag queens e travestis sejam categorizados como *cross-dresser*³, porém ambos estão inseridos em meios sociais distintos, já que as drags são mais flexíveis quanto o seu travestismo, embora sejam artistas transformistas, em seu cotidiano distinguem-se dos travestis por andarem vestidos de homens e por exercerem profissões diversas, ou seja, seu transformismo não é durante o dia, a não ser em caso de trabalho. Os travestis na constituição de seus corpos possuem traços femininos, como próteses de silicone, por exemplo, acabam dessa forma permanecendo travestidos no dia-a-dia, contudo não sendo de maneira extravagante e caricata como as drags. (Silva, 1993; Silva & Florentino, 1996).

Na entrevista que fiz com a drag Queen Rayssa Burtner⁴ referente sua definição do que é ser drag, a mesma acaba corroborando com as ideias dos autores a cima, onde elas não querem ser mulher:

– “Drag Queen é um palhaço de luxo, hoje em dia, é muito comum você ver drags em festas, casamentos, debutes etc. Ser drag é transmitir a alegria para o público, passar a emoção de interpretar uma música na qual muitas das pessoas que assistem percebem, mesmo sem saber o que você está cantando, que é uma coisa que ela ou alguém próximo a ela está passando ou sentindo naquele determinado momento de sua vida. É ser feliz com você mesmo, independentemente do que as pessoas vão falar de você... Não é que eu queira ser mulher, não! Eu quero passar pras pessoas a felicidade de poder ser aquilo que eu quero diante de uma sociedade tão cheia de ‘pré-conceitos”⁵.

Pode-se entender que o corpo da drag queen não é o modelo de corpo da representação da mulher nem tão pouco o modelo de corpo da representação do homem, ou seja, as drag queens não se encontram em nenhum, demonstrando assim que não se enquadra nos segmentos duros de gênero, sexo e sexualidade. Entretanto, no momento em que estão montadas para apresentações artísticas em eventos festivos, boates e bailes etc., seus “nomes artístico” são femininos, mesmo

³ É um termo que se refere às pessoas que vestem roupas ou usam objetos associados ao sexo oposto. Essa prática não estar relacionada com a orientação sexual.

⁴ Mateus de Souza Peixoto autorizou a utilização de seu nome e seu “nome artístico” nesse trabalho.

⁵ Texto destacado refere-se às próprias palavras do entrevistado.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



em contextos adversos são pouco utilizado pela sociedade de matriz heterossexual. Ressalto também que a montagem das drags por ser tão excêntrica e única remete as características um tanto quanto surreais, dessa forma pode-se afirmar uma das principais diferenças dessa categoria em relação às outras transformistas.

Apesar das drag queens fazerem de forma nítida para a sociedade a sua manifestação do gênero feminino em quanto personagem, porém no seu cotidiano essa manifestação, como já mencionada, sai de cena, mantendo-se assim masculino. Isso nos remetem como são definidos alguns conceitos de gênero para nossas principais interlocutoras e a partir disto, compreender as características das drag queens em relações de gênero e conseguinte superar a dicotomia masculino/feminino tradicional. Vale ressaltar Judith Butler (2003) a esta compreensão, ao pensar o gênero como performance, um tipo de performance que pode se dar em qualquer corpo, ou seja, desligado da ideia de que a cada corpo pertenceria somente um gênero. Butler propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma “superfície politicamente regulada”.

Na entrevista ao pergunta-la se mudaria o seu corpo, Rayssa Burtner afirma que é extremamente satisfeita com seu corpo e se fosse para mudar tiraria alguns quilinho que nunca existiram que hoje em dia lhe dão trabalho e brinca: “*Cirurgia? Só se existir aquela que fará a gente viver mais!*”

Isso encaminha a uma compreensão que quando os sujeitos estão montados de drag queens a junção física e psicológica de ambos os gêneros ocorre, ou seja, podendo ser e estar dessa forma, masculino e feminino em um único corpo ao mesmo tempo.

Chidiac e Oltramari (2004) apresentam uma teoria que segundo os mesmos levam a compreensão da sexualidade das drag queens, que seria a teoria *queer*, teoria que contempla os sujeitos que se encontram entre um gênero e outro como no caso das drags em que os diferentes gêneros convivem juntos. Segundo os autores essa teoria surgiu nos Estados Unidos nos anos oitenta com o movimento gay, que tinham como função ampliar a discussão sobre a sexualidade, tal teoria ultrapassava os discursos relacionados à dicotomia hetero/homo, masculino/feminino. Os autores ainda citam Louro (2001), que explica que essa teoria surgiu justamente por existir

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



uma crise de identidade relacionada à sexualidade, o mesmo menciona “Queer quer dizer algo como estranho, raro ou mesmo excêntrico. Foi significado positivamente, pois anteriormente era relacionada com um xingamento homófobo” (Apud, CHIDAC; OLTAMARI, 2004, p. 473).

A Teoria Queer busca resignificar o termo (que em sua tradução como já citado pode ser entendido por estranho, excêntrico ou mesmo ridículo) usado num sentido pejorativo nos insultos aos homossexuais, de modo a positivá-lo. Judith Butler, filósofa estadunidense, vista como uma das percussoras da Teoria Queer, em Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade (2003) desenvolveu-se a teoria de performatividade. Nessa obra, Butler remete que:

O gênero é performativo por que é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva (Apud COLLING, p. 01).

Isto significa dizer que a repetição de normas, em sua maioria, às vezes pode ser feita de forma ritual, produzindo sujeitos decorrentes dessa repetição, ou seja, quem se comporta em divergência com as normas estabelecidas está submetido a padecer com algumas consequências.

A teoria *queer* propõe exatamente essa desconstrução de uma normatividade do binômio hetero/homo, e os sujeitos que se constituem drags é por uma necessidade, um desejo ou anseio que o atingi levando a uma “fronteira flutuante” dito por Chidiac e Oltramari (2004). Essa fronteira flutuante que os autores falam é justamente o limite fluído existente como sujeito e drag.

Percebe-se que a identidade *queer* é um fenômeno mutável e performático, e as drags expressam o seu feminino de uma forma caricata e exagerada e carrega pro seu cotidiano essa alternância de identidades dos dois gêneros feminino e masculino.



A drag queen entrevistada Hagatha Layser⁶, relata que ocorre um limite harmonioso que separa as identidades e isso se dar pela montagem:

– “Quando estou montada o Leo não existe naquele momento, ele sai de cena, tanto que o modo de agir é outro, fico carismática e as pessoas que me conhecem e o meu público me prestigia e ama as minhas performances. Tudo muda, na hora de se produzir mesmo sendo caricata a drag tem o seu lado feminino, nos gestos, na delicadeza, na voz, a forma de andar, sentar, as atitudes, as conversas, o astral enfim, sou outro, ou outra (risos)... mais quando eu começo a me desmontar, aí já era né? Volta o Leo que é tímido e sem o glamour que só Hagatha tem”.

As drags através das performances brincam nessa dinâmica de relação entre o feminino e masculino dos estereótipos enraizados nas relações de gênero. Esses sujeitos que interpretam as drags é um exemplo das manifestações dentro da identidade *queer* que possuem essas características masculinas que se constituem femininas, exemplo é a forma como as personagens podem ser associadas aos sujeitos, mesmo estando vestidos de forma masculina podem ser chamados pelo seu “nome artístico”, ressaltando que as interlocutoras entrevistadas nesse projeto de pesquisa, desmonstraram não se agradar de serem confundidas com suas personagens quando estão desmontadas.

O limite estabelecido entre as identidades do sujeito e personagem segundo Chidiac e Oltramari (2004) é percebido como uma fronteira flutuante, ou seja, como algo não fixo tido no binômio masculinidade/feminilidade, hetero/homo.

Destaco também os percalços para conseguir adentrar o mundo das drags e dos interlocutores e conseguir estabelecer na entrevista um diálogo. Muitas vezes os interlocutores respondiam aos contatos feitos, outras vezes, não. Em algumas ocasiões, os contatos até resultaram na marcação da entrevista, mas, na hora de serem entrevistados, os mesmos desmarcavam ou não compareciam, porém é algo que compõe a pesquisa, adentrar no universo pesquisado é uma tarefa que tem seus altos e baixos.

⁶ “Leo” autorizou a utilização do seu apelido e do seu “nome artístico” nesse trabalho.



Um dos mecanismos incorporado para romper barreiras que estabeleceu os diálogos nas entrevistas com os interlocutores foram as conversas informais puxadas com pessoas que frequentam os mesmos espaços ou que são amigos das drags, esses vínculos de amizade estabelecidos com estas pessoas foram de extrema importância para a minha aproximação até eles, parte fundamental que compõe este estudo.

As entrevistas realizadas com esses interlocutores de certa forma contribuem para a compreensão dessas personagens que revelam as múltiplas faces e performances dos sujeitos, tanto no seu cotidiano, como no público e no trabalho também, ou seja, homens que tem suas trajetórias pessoais e visuais marcadas pelo masculino, já a outra face ocorre através dos procedimentos de transformação dos sujeitos em drag, como os nomes e as vestimentas mesmo caricatas a qual remetem ao feminismo.

CONCLUSÃO

O trabalho inicial segue o rumo de uma pesquisa de campo descritiva, porém, ainda está em processo de incursão a campo e levantamento de dados, portanto ainda não apresenta resultados finais. Segue a metodologia da observação participante, procurando entender os fenômenos a partir das perspectivas dos interlocutores entrevistados para então colocar a interpretação dos fenômenos estudados, análise e descrições objetivas, através da entrevista aqui realizada.

Fazer as coletas de dados e interpretação deles, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Com tudo, tentando o máximo não interferir na posição dos interlocutores no andamento da pesquisa.

Contudo, é possível inicialmente constatar que as drag queens mostram nas suas narrativas tanto visuais se utilizando de acessórios e adereços extravagantes e orais, quanto nas narrativas que não querem se parecer com uma mulher, é onde revela o quanto esses sujeitos são múltiplos, que flutua entre o masculino e o



feminino com base na teoria *queer*, a configuração da *identidade queer* desses sujeitos e conseguinte os estereótipos que é gerado entre os mesmos.

Enfim, as drag queens nos mostram que podem ser masculinos e femininos, por isso geram certo desconforto, intriga, inquietude em relação a uma definição fechada.

REFERÊNCIAS

Butler, J. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Becker, Howard S. (2008). **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Chidiac, Maria Teresa Vargas & Oltramari, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. *In: Estudos de Psicologia*, 9 (3), 471-478. 2004.

Elias, Norbert & Scotson, John L. (2000). **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Silva, H.R.S. (1993). **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Silva, H.R.S., & Florentino, C. de O. (1996). **As sociedades dos travestis: espelhos, papéis e interpretações**. In R. Parker & R. M. Barbosa. (orgs.), *Sexualidades brasileiras* (pp.105-118). Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará.

Oliveira, Roberto Cardoso de. (2000). **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In. *O trabalho do antropólogo*, 2. ed. Brasília: Paralelo 15. Ed. Unesp.

VELHO, Gilberto. (1981). **“Observando o familiar”**. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. (PP.123-132). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.